

Erico Verissimo

O tempo e o vento parte II

O RETRATO vols. I e II

Prefácio

MARCO ANTONIO VILLA

Copyright © 2004 by Herdeiros de Erico Verissimo
*Texto fixado pelo Acervo Literário de Erico Verissimo (PUC-RS) com base
na edição princeps, sob coordenação de Maria da Glória Bordini.*

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

CELSO KOYAMA

Imagens: © Leonid Streliaev

Supervisão Editorial

FLÁVIO AGUIAR

Crônica biográfica e cronologia

FLÁVIO AGUIAR

Pesquisa

ANITA DE MORAES

Preparação

MARIA CECÍLIA CAROPRESO

Revisão

RENATO POTENZA RODRIGUES

ÉRICA BORGES CORREA

Atualização ortográfica

PÁGINA VIVA

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção;
não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Verissimo, Erico, 1905-1975.

O tempo e o vento, parte II : O Retrato, vols. I e II / Erico
Verissimo. — 4ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ISBN 978-85-359-2968-3

I. Romance brasileiro I. Villa, Marco Antonio. II. Título.

17-06171

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira 869.3

2017

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Prefácio — O Retrato de Erico Verissimo	7
Árvore genealógica da família Terra Cambará	11

O RETRATO VOL. I

<i>Rosa-dos-Ventos</i>	14
------------------------	----

Chantecler	56
------------	----

O RETRATO VOL. II

Chantecler [continuação]	288
--------------------------	-----

A sombra do anjo	400
------------------	-----

Uma vela pro Negrinho	552
-----------------------	-----

Cronologia	570
------------	-----

Crônica biográfica	577
--------------------	-----

Sobre o autor	579
---------------	-----

Obras de Erico Verissimo	580
--------------------------	-----

Prefácio

O Retrato de Erico Verissimo

Em *O Retrato*, segunda parte da trilogia *O tempo e o vento*, temos a continuidade da saga da família Terra Cambará, sempre envolvida com a luta política no Rio Grande do Sul, ora palco sangrento de guerras civis, ora tendo ativa participação nas guerras do Prata. O pano de fundo central desta parte são os anos finais do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX, do governo do paulista Campos Sales à presidência do mineiro Venceslau Brás. A presença de um paulista e de um mineiro não foi acidental, mas produto do domínio exercido pelos dois estados na cena política nacional: era a chamada “política café com leite”. A República já tinha se consolidado — não se falava ou especulava sobre uma possível restauração monárquica. Agora, no horizonte político estavam presentes as divergências sobre a forma de gerir a coisa pública e o espaço reservado à oposição.

Rodrigo Terra Cambará é um republicano insatisfeito, um desiludido do novo regime. Porém, não tem clareza sobre a forma de agir politicamente em defesa de seus princípios liberais. Simpatiza com algumas figuras dominantes — como é o caso do senador Pinheiro Machado, o condestável da República —, mas não consegue dissociá-las do grupo que domina o Rio Grande do Sul desde 1889, os castilhistas. Depois da morte de seu líder, Júlio de Castilhos, em 1903, Borges de Medeiros assumiu o governo e o manteve até 1928, eliminando qualquer espaço para manifestação da oposição por via legal, sempre lançando mão da Constituição gaúcha de 1891, eivada de positivismo do começo ao fim.

As eleições, como vemos em *O Retrato*, eram uma farsa, não havia voto secreto e os eleitores eram coagidos a sufragar sempre o candidato da situação. Quando isso não ocorria, a urna da seção eleitoral era considerada nula e a manifestação do eleitorado, solenemente ignorada. Dessa forma, os caudilhos locais se perpetuaram no poder e não deram à oposição outro espaço de manifestação a não ser a revolta aberta, armada, a rebelião, como a ocorrida entre 1893 e 1895, na chamada Revolução Federalista, brevemente mencionada por alguns personagens do romance.

Santa Fé é um microcosmo do Rio Grande. Titi Trindade é a versão local de Borges de Medeiros: despoticamente inibe as manifestações de seus opositores e

mantém com mão de ferro seu poder, espalhando terror por onde passa. O funcionalismo municipal, o jornal local e a polícia são instrumentos usados pelo tiranete para se perpetuar no poder. Nem as famílias economicamente poderosas do lugar, como os Terra Cambará, escapam de seu arbítrio. Mesmo estes, quando se posicionam, por qualquer motivo, contra seus caprichos, também sofrem perseguições. Não há adversários políticos mas inimigos, e com inimigos não se convive; eliminam-se.

Em meio à violência e ao despotismo político estão os imigrantes italianos e alemães. Muitos deles vivem isolados em colônias, distantes da sede do município, onde mantêm seus costumes (língua, festas e hábitos), mas também são vítimas do coronelismo, obrigados a obedecer ao que é imposto por Trindade, especialmente no momento das eleições — caso contrário, também seriam perseguidos, sem ter a quem recorrer.

No desenho das classes sociais, temos os pequeno-burgueses de Santa Fé, que necessitam para sobreviver da proteção de algum potentado local — e terão de servi-lo docilmente —, sem nenhuma perspectiva de autonomia econômica ou política. Já os pobres e miseráveis não fazem parte da sociedade, não são considerados cidadãos: vivem em bairros imundos — desprovidos de quaisquer benefícios —, nas eleições são obrigados a votar nos candidatos do coronel e são úteis somente para serem explorados e terem suas filhas defloradas pelos filhos dos latifundiários. Um corpo estranho — porque não constituem habitantes permanentes da cidade — são os oficiais militares, provenientes de diversos estados do Brasil. Não podiam se envolver na política local, mas acabam participando dos embates no campo das ideias. Ou defendem a ditadura positivista, tal qual o coronel Jairo — e a referência é Augusto Comte —, ou a ditadura militar — tendo raízes no pensamento de extrema direita da França e da Alemanha —, como o capitão Rubim. Esses oficiais divergem, polemizam com ardor não sobre as vantagens da democracia, mas sobre qual tipo de ditadura seria mais adequada ao Brasil.

Santa Fé, como qualquer cidade gaúcha da época, é uma sociedade machista. Às mulheres, desde o nascimento, está reservado um lugar preciso na comunidade: devem obrigatoriamente se casar, parir filhos, cuidar dos afazeres domésticos e obedecer a seus maridos. Não há nenhum espaço de independência para elas: devem ser uma pálida sombra de seus maridos e viver em função deles.

O Retrato tem como personagem principal Rodrigo Terra Cambará, um reformador, que deseja ardentemente modernizar Santa Fé, sempre da perspectiva da classe dominante: as propostas são suas, não foram produto de uma consulta à comunidade ou de alguma forma de diálogo mesmo que com seus amigos. Sua visão de mundo encontra campo fértil quando da vitória dos gaúchos na Revolução de 1930 e da ascensão de Getúlio Vargas à presidência da República — o que, como informa o autor no início e no final do volume, acaba levando Rodrigo para a capital federal, o Rio de Janeiro, onde, simbolicamente, amarra seus cavalos no obelisco da avenida Rio Branco.

Erico Verissimo contrapôs a vida na cidade — centrada na residência da família Cambará, o Sobrado — ao Angico, a estância da família. Licurgo, o pai, e Toríbio, o irmão, são felizes quando permanecem no campo, onde mantêm o modo tradicional de vida gaúcho. Rodrigo, não. Sempre foi o homem da modernidade, da grande cidade, que estava sintonizado com a última moda europeia no vestir e no comer. Mas não só: defendia enfaticamente a instalação da energia elétrica na cidade, símbolo de progresso no início do século XX.

O progresso traz consigo as relações capitalistas de produção e estabelece um novo padrão de relações sociais: confronta-se a modernidade com o paternalismo dos estancieiros. E os três filhos homens de Rodrigo representam essa virada, em 1945: Eduardo, o filho mais novo, é o porta-voz incômodo da luta de classes; Jango está ligado à terra — mantendo a tradição da família —, e Floriano é um intelectual que compreende a crise do velho modelo de dominação mas não tem nenhum entusiasmo pelo marxismo, tal qual Eduardo, ou pela pecuária, como Jango. Representa a indefinição do novo, que não era só dele, mas de uma sociedade que estava em declínio e de outra que estava sendo gestada.

A doença terminal de Rodrigo Cambará não passa de uma metáfora. Com ele morria a Santa Fé que esteve com o civilismo de Rui Barbosa, em 1910, e vinte anos depois com Getúlio Vargas, na Aliança Liberal. Paradoxalmente, foram dos pampas à capital federal, do interior para o litoral, e de lá lançaram as bases do moderno Estado brasileiro. Mas na caminhada do Rio Grande para o Rio de Janeiro, acabaram perdendo suas raízes. Maria Valéria, que sempre permaneceu no Sobrado, desde os duros tempos da Revolução Federalista até a queda de Getúlio Vargas, resume o dilema dos Cambará, em 1945, ao acender uma vela e fazer uma promessa para o Negrinho do Pastoreio: “É pr’aquela gente achar o que perdeu”.

Em *O Retrato*, Erico Verissimo realiza algo raro na literatura brasileira: o romance histórico. Combina com maestria a história do Rio Grande do Sul com o gênero romance, sem que nenhuma das construções fique prejudicada. Quando apresenta um personagem histórico, o faz de tal forma que sua entrada no livro é absorvida naturalmente na estrutura do romance: assim, para o leitor nada distingue Rodrigo Cambará do senador Pinheiro Machado. Além da incorporação da história, Verissimo insere a geografia da região dos pampas como parte do livro. Como fala um personagem: “A culpa é do vento. A gente fica meio fora de si. É essa maldita ventania”. E o leitor, de tal forma integrado com o livro, sente o minuíno sorpendo...

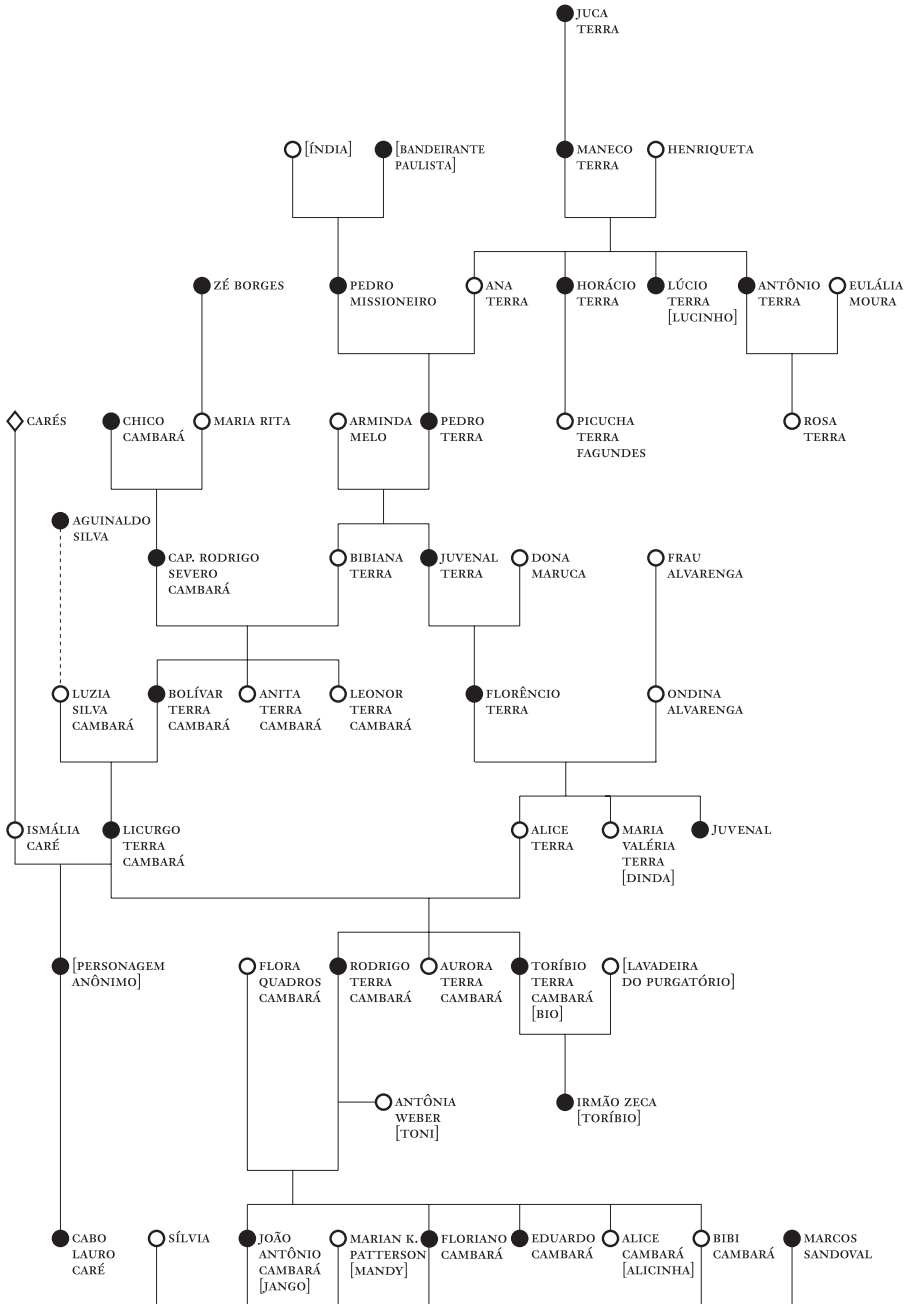
A literatura de Erico Verissimo, e isto está presente em *O Retrato*, não faz concessão ao romance engajado, ao panfletarismo estéril. Deixa que o leitor tire suas próprias conclusões, julgue os personagens — a maioria deles absolutamente distinta do herói da literatura do realismo socialista, tão em moda na época. Seus personagens têm dúvidas, são contraditórios, heróis e bandidos ao mesmo tempo. Não são criações de tipos ideais, distantes do concreto real, mas filhos e produtos do seu tempo e de suas contradições.

Depois de lermos a última página de *O Retrato*, ficamos com saudades dos personagens e de Santa Fé: de Rodrigo Terra Cambará e seu voluntarismo, do realismo trágico de Maria Valéria, do positivismo ingênuo do coronel Jairo, do anarquismo inconsequente do pintor espanhol Pepe García, de Toríbio e sua relação de amor com a vida e o trabalho no Angico. Esta é uma das qualidades da literatura de Erico Verissimo: desenha personagens, descreve cenas, cria situações que não só prendem a atenção do leitor como vão paulatinamente transformando o leitor em partícipe da história, em cúmplice do escritor.

Marco Antonio Villa

Doutor em história social pela Universidade de São Paulo e professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos

Árvore genealógica da família Terra Cambará



○ MULHERES
● HOMENS
◊ FAMÍLIA

O RETRATO vol. I

Rosa-dos-Ventos

Naquela tarde de princípios de novembro, o sueste que soprava sob os céus de Santa Fé punha inquietos os cata-ventos, as pandorgas, as nuvens e as gentes; fazia bater portas e janelas; arrebatava de cordas e cercas as roupas postas a secar nos quintais; erguia as saias das mulheres, desmanchava-lhes os cabelos; arremessava no ar o cisco e a poeira das ruas, dando à atmosfera uma certa aspereza e um agourento arrepio de fim de mundo.

Por volta das três horas, um funcionário da Prefeitura assomou à janela da repartição e olhou por um instante para as árvores agitadas da praça, exclamando: “Oô tempinho brabo!”.

Num quintal próximo, recolhendo às tontas as roupas que o vento arrancara do coradouro e espalhara pelo chão, uma dona de casa resmungava: “É pr’um vivente ficar fora do juízo!”.

Na sua meia-água caíada como um túmulo, a “Gioconda” sentou-se ao piano e, em meio de seus sete gatos, começou a tocar a marcha fúnebre de Chopin.

O proprietário da Farmácia Humanidade, dirigindo-se ao prático que, debruçado sobre o balcão, mascava ainda o palito do almoço, resmungou: “Dia de vender colírio e aspirina”.

Por trás das vidraças duma das casas da praça da Matriz, um menino de cara tristonha olhava, fascinado, ora para o cata-vento da torre da igreja, cujo galo de ferro rodopiava, ora para as pandorgas coloridas que, entre a torre e as nuvens, davam brucas rabanadas no ar.

Um trem apitou tremulamente na curva do cemitério, e de repente, como se tivesse surgido do bojo duma nuvem, um pequeno aparelho do aeroclube de Santa Fé começou a sobrevoar a cidade a uns mil metros do solo. Era um teco-teco amarelo, cujo nome — *Rosa-dos-Ventos* — estava pintado em letras negras nos costados da nacela. Alguns santa-fezenses ergueram os olhos para o céu e acharam que era loucura voar num dia daqueles. E por algum tempo, acima do uivar do vento, ouviu-se o fosco matraquear do motor do avião. De súbito, os alto-falantes da Rádio Anunciadora Serrana, presos aos postos telefônicos ao longo da rua do Comércio, começaram a funcionar, e o ar se encheu de sons que pareciam

sair da boca de enormes robôs. O vento varria as vozes metálicas que apregoavam a excelência de dentifrícios, inseticidas, sabonetes, e pediam ao público que só comprasse na “tradicional Loja Caramês, onde um cruzeiro vale três”. Quando as vozes se calaram, romperam dos alto-falantes os acordes lânguidos dum velho tango argentino, e o choro das cordeonas abafou a lamúria do vento.

Naquele minuto o Veiguinha saiu da Casa Sol, caminhou até a beira da calçada, trazendo debaixo do braço um quadro que durante sete anos tivera pendurado na parede do escritório, e, olhando para um mulato que passava, exclamou:

— Este é o dia mais feliz da minha vida!

Dito isso, agarrou o quadro com ambas as mãos e bateu com ele violentamente contra a quina da calçada, partindo a moldura e o vidro. Depois, numa fúria que o deixava apoplético, arrancou dentre os destroços do quadro o retrato do ex-presidente e rasgou-o em muitos pedaços, lançando-os ao vento num gesto dramático:

— Este é o fim de todos os tiranos!

O mulato parou, olhou para o proprietário da Casa Sol e disse:

— Deixe estar, um dia esse retrato volta pra parede. Os milicos derrubaram o Velho, mas ele caiu de pé nos braços do povo!

Isso foi o princípio duma discussão de caráter político, que atraiu a atenção de alguns passantes, os quais mais tarde, ao tentarem reconstituir o áspero diálogo que terminara numa troca de bofetadas, lamentavam não terem podido ouvir tudo quanto os contendores diziam, pois na hora do bate-boca a voz de Carlito Gardel enchia poderosamente a rua, abafando todas as outras.

Afirmava-se, entretanto, com unanimidade, que em dado momento o Veiguinha, quase a tocar com a ponta do indicador o nariz do mulato, bradara: “Teve a sorte que merecia, era um traidor!”, ao que o outro retrucara: “Traidor é você, cachorro!”.

Como que impelido pelo vento, o braço do negociante projetou-se no ar como uma catapulta, e ouviu-se o estalo duma bofetada. Ao receber o golpe inesperado, o mulato quase caiu, mas, recuperando logo o equilíbrio, desferiu um soco no ouvido do Veiguinha, atirando-o contra a parede da casa. Foi nesse momento que os circunstantes intervieram, separando-os a custo. O Veiguinha voltou para a loja, vociferando bravatas, ao passo que o mulato, arrastado rua abaixo por dois desconhecidos, berrava a plenos pulmões:

— Viva o nosso presidente! Viva o Estado Novo!

Do outro lado da rua, à frente da Casa Sol, lia-se no muro caiado, em largas letras de piche: *Queremos Getulio*. Logo abaixo, em garranchos brancos: VIVA PRESTES! MORRA O FASCISMO! E, entre a foice e o martelo, um moleque gravara no reboco, a ponta de prego, um nome feio.

Gardel silenciara: agora os violinos cantavam em melosa surdina, e a voz do sueste parecia também fazer parte da orquestra, bem como o rufar do motor do *Rosa-dos-Ventos*.

A notícia do conflito espalhou-se rápida por toda a rua.

À porta duma engraxataria, um negrão de cara lustrosa, o torso musculoso modelado por uma camiseta amarela, comentou a briga com um freguês e concluiu:

— A culpa é do vento. A gente fica meio fora de si. É essa maldita ventania...

O vento, porém, não tinha a menor influência irritante sobre os nervos de Aderbal Quadros — o velho Babalo. Acocorado no pomar de sua chácara, nos arredores de Santa Fé, estava ele, havia alguns minutos, a arrancar guanxumas do chão, e naquele momento fazia uma pausa para reacender o cigarrão de palha que tinha preso entre os dentes. Com as mãos sujas de terra, tomou do isqueiro, bateu a pederneira e, voltando as costas para o vento, a fim de proteger a chama do pavio, acendeu o cigarro e deu-lhe um longo e gostoso chupão, ao mesmo tempo que lançava para sua horta um olhar morno de ternura, como se os repolhos e as alfaces fossem membros de sua família. Depois espraçou o olhar pelo campo e tornou a sentir saudade de suas estâncias — uma saudade que lhe apertava o peito, quase como uma dor. Era bem triste uma pessoa depois de madura perder tudo que tinha: casa, terras, gado, dinheiro; e era até ridículo um estancieiro que já possuía dezenas de quadras de campo e milhares de cabeças de gado, ficar reduzido a uma chacinha de seis hectares, e ainda por cima arrendada! Xô égua! Mas um homem não se entrega nunca, o que passou passou, e águas passadas não movem moinho...

Tirou por alguns segundos o cigarro da boca, cuspiu no chão, como para espantar os maus pensamentos, e acariciou com a ponta do indicador a verruga que tinha na face esquerda, da qual saíam três fios de cabelo crespo. Contemplando o campo dum verde vivo, respingado aqui e ali pelo amarelo das maria-moles, de novo pensou em aumentar a plantação de trigo. O diabo era que dispunha de pouca terra, de pouco dinheiro e talvez de pouco tempo de vida. Depois dos oitenta, um homem nunca sabe se vai ver o sol do dia seguinte. Para falar bem a verdade — refletiu ele, soltando um fundo suspiro —, nos dias que correm ninguém sabe o que vai acontecer no minuto seguinte...

Passara a manhã inteira a trabalhar na chácara, distraído, compondo cercas, dando de comer aos porcos e às galinhas, procurando, enfim, não pensar em certas coisas. Mas essas coisas acabavam sempre por voltar-lhe aos pensamentos, piores que mutuca quando inventa de azucrinar um pobre matungo. E agora de novo Babalo estava às voltas com elas. O melhor que tinha a fazer era ir o quanto antes ao Sobrado, falar com Rodrigo e tirar tudo a limpo. Quando chegara a Santa Fé a notícia de que os generais haviam apeado Getúlio Vargas do governo, seu primeiro pensamento fora para o genro: “Que será que vai acontecer agora pro Rodrigo?”. A resposta lá estava. Rodrigo Cambará saíra do Rio precipitadamente com toda a família e chegara a Santa Fé havia pouco mais de vinte e quatro horas. A situação estava confusa, a cidade cheia de boatos.

Babalo limpou as mãos nas bombachas de riscado e ficou a olhar pensativo para o chão. Rodrigo nunca devia ter deixado Santa Fé, o Sobrado e o Angico. Uma pessoa deve ficar no lugar onde nasceu, onde tem seus parentes, seus amigos, as coisas que lhe pertencem. Cidade grande é o diabo: tem muita falsidade, muita perdição, muita máquina, muito modernismo, e essas coisas todas acabam mudando o caráter e os costumes duma pessoa. Que era que o Rodrigo tinha arranjado com todos aqueles anos de estadia no Rio, metido na política, amigo do peito de figurões, sempre envolvido em negócios, comitês, festas e entrevistas de jornal? Fizera inimigos, fora caluniado e — pior que tudo — criara mal os filhos. Depois, há pessoas invejosas que não podem ver ninguém subir. Babalo sabia das coisas horríveis que ali em Santa Fé se diziam do genro: que fora um dos príncipes do câmbio negro, que andara metido em grossas patifarias de advocacia administrativa...

Ele positivamente não acreditava naquelas maledicências. Mas calúnia é calúnia, sempre deixa sua marca.

Ergueu a cabeça e ficou a contemplar as nuvens que o vento tangia como a uma ponta de enormes baios brancos. No Sobrado já deviam estar estranhando o fato de ele não ter ainda aparecido. Mas não era fácil aquela visita. Fazia muito que ele e o genro não se entendiam em matéria de política. Para falar a verdade, ultimamente havia entre ambos um desentendimento em quase todos os outros assuntos... Mas ele estimava Rodrigo e era por isso que o encontro ia ser difícil. Fosse como fosse, tinha de ir. Desejava ver a filha, os netos, desejava também ver o genro, a quem queria como a um filho...

Por um instante o velho Babalo ficou a olhar para as nuvens, as falripas de cabelos brancos agitadas pelo vento, o sol a bater-lhe em cheio no rosto tostado e ossudo.

Foi então que avistou uma mancha amarela contra o horizonte e ficou imediatamente numa atitude de defesa. Pôs a mão em pala sobre os olhos e procurou ver melhor. A mancha movia-se na direção da chácara: era um avião que vinha da cidade, em voo muito baixo. Babalo ainda não se habituara à vizinhança do aeroporto. O ruído dos motores não o incomodava, pois ele era surdo, mas não se sentia bem quando via aquelas engenhocas passarem por cima de sua cabeça. Ninguém lhe tirava da ideia que aeroplano era uma coisa contra a natureza. Depois, estava vendo o dia em que um daqueles aparelhos ia cair-lhe no quintal ou em cima da casa. Nos primeiros tempos, sempre que os teco-tecos cruzavam seu território, Babalo erguia os punhos e bradava: “Vagabundos! Isto não é serviço pra homem! Venham pegar no cabo duma enxada, seus lorpas!”. E os rapazes do aeroplano, sabedores da aversão do velho às máquinas em geral e aos aeroplanos em particular, mangavam com ele, passavam pela chácara em voo baixo, fazendo às vezes as rodas dos aviões tocarem a copa das árvores. Não raro atiravam coisas: bolas de trapos, laranjas, sapatos velhos ou então, enrolados em pedras, papéis com versos pornográficos... A princípio, Aderbal Quadros ficava indignado, pois tudo aquilo lhe parecia uma grandessíssima falta de respeito. Aos

poucos, porém, começou a achar uma certa graça na coisa toda e foi tratando de pagar aos rapazes na mesma moeda. Quando um teco-teco passava a poucos metros acima de sua cabeça, o velho arremessava contra ele torrões de terra, pedaços de pau ou frutas podres, juntamente com uma rajada de impropérios, os quais nunca iam além de: nulidades! filhos da mãe! índios vadios!, pois era sabido que Aderbal Quadros não costumava dizer nomes feios.

Agora lá vinha aquela coisa amarela na direção da chácara. Na certa o piloto ia fazer uma molecagem, como sempre... Babalo apanhou um torrão de terra e ficou alerta, esperando. O teco-teco voava tão baixo, que dava a impressão de que ia descer na chácara. E alguns segundos depois, quando cruzou perigosamente pelo estreito espaço que havia entre dois eucaliptos, Babalo tratou de identificar o piloto, mas não conseguiu. A geringonça passou zunindo como uma bala... O mais que pôde ver foi que o aviador lhe acenava com um lenço. Ah! Viu cair também a seus pés uma coisa branca... Na certa era algum papelucho com bandalheiras e má-criações. Hesitou por um instante, depois inclinou-se, apanhou a pedra, desenrolou o papel que a envolvia e viu que havia nele algo escrito. Tirou do bolso do colete os óculos, acavalou-os no nariz e leu:

Vovô:

Não deixe de aparecer hoje no Sobrado. A família já está estranhando a sua ausência. O velho teve ontem uma rebordosa e quase bateu com a cola na cerca. Outra vez o coração. Um abraço do

Eduardo.

Então quem ia no aeroplano era o Eduardo, o seu neto... Que maroto! Que salafrário! Tornou a ler o bilhete. Uma desgraça nunca vem só — refletiu. Como se não bastasse o desastre político, lá estava o Rodrigo outra vez com os seus ataques de coração. Precisava ir vê-lo o quanto antes.

Especou o cigarro apagado atrás da orelha, soltou um prolongado suspiro e encaminhou-se para casa.

Eduardo voltou a cabeça e vislumbrou lá embaixo, no quintal da chácara — imagem que mingua à medida que o avião se afastava dela —, o vulto do velho. Fitou depois os olhos no altímetro, mas sempre a pensar no avô. Era comovente ver aquele homem de mais de oitenta anos, que até princípios do século fora o estancieiro mais rico de todo o município, reduzido agora à simples condição de arrendatário duma pequena chácara onde por assim dizer “brincava de estância”, para aliviar a saudade dos bons tempos. Mas esses bons tempos — refletia Eduardo — não voltariam mais para o velho Aderbal Quadros nem para os outros estancieiros em idêntica situação econômica. Mais tarde ou mais cedo o latifúndio

tinha de ser liquidado, os Carés haviam de ganhar seu pedaço de terra, ao passo que os Amarais, os Teixeiras, os Fagundes e os Cambarás — sim, a sua rica gente! — iam acabar perdendo os feudos. Talvez não tardasse muito a ser dado o primeiro passo para a solução do problema agrário no Brasil. Luiz Carlos Prestes estava solto, a liberdade de imprensa fora estabelecida e o Partido vivia na legalidade. Era verdade que muitos comunistas, habituados àqueles longos anos de heroica luta subterrânea, sentiam-se ainda meio bisonhos, agora que tinham vindo para a luz do sol e podiam falar, escrever e reunir-se sob o olhar tolerante da polícia. Em alguns companheiros Eduardo notara até um certo esmorecimento de entusiasmo, como se a legalidade lhes tivesse roubado à causa metade do romantismo e não houvesse agora muito mérito em ser comunista. Por outro lado havia aqueles a quem a liberdade dava uma euforia perigosa... Fosse como fosse, ele não acreditava que aquela lua de mel com a lei e a polícia durasse muito tempo. Sabia que dentro em breve as forças da reação conseguiriam fazer que o PC fosse de novo posto fora da lei. Era por isso que se fazia necessário agir, agir depressa e com segurança: organizar os quadros do Partido, esclarecer, politizar as massas. Desde que chegara a Santa Fé, havia duas semanas, Eduardo tratava de dar rigoroso balanço nas possibilidades democráticas locais. Existiam poucos comunistas puros no município, mas era apreciável o número de elementos de esquerda ou esquerdizantes capazes de colaborar com o Partido. Podia-se contar também com os liberais e com os chamados progressistas. (Estes últimos sempre lhe lembravam certas mulheres que exerciam a prostituição secretamente, com um sagrado horror ao palavrão de quatro letras; eram as “reservadas”, as que passavam por moças de família: gozavam de todas as vantagens do ofício, ao mesmo tempo que mantinham uma fachada de respeitabilidade perante a sociedade, pois “duma hora para outra, pode aparecer um burguês apatacado, querendo casar com a gente...”.) Era preciso reunir todos esses elementos democráticos num bloco antifascista. A hora era oportuna e a tarefa sedutora. Prestes desconcertava os inimigos com discursos e manifestos em que declarava não haver ainda no Brasil nem as mais elementares condições, quer psicológicas quer objetivas, para uma revolução socialista. O que convinha à classe operária brasileira — afirmava ele — era liquidar os restos de feudalismo que existiam no país e promover o desenvolvimento do capitalismo. Essa era a razão por que pregava uma ação democrática conjunta do proletariado e da burguesia progressista.

Eduardo sorria. Não acreditava na possibilidade daquele entendimento. Que era em última análise a “burguesia progressista” senão a burguesia mais assustada que, vendo as forças da esquerda ganharem terreno, procurava desde já ficar bem com elas? A rigor não podia haver nenhuma liga possível. A coisa toda não passava duma trégua, dum acordo precário e constrangedor, tão precário e constrangedor (mas ao mesmo tempo quão prático!) quanto a aliança russo-alemã de 39. Como Stalin, Prestes era um realista: deixava de lado seus ressentimentos

peçoais, passava por cima de todos os preconceitos burgueses e agia apenas de acordo com os interesses da Causa. Mas a mim — refletia Eduardo —, a mim me repugna um pouco essa aliança pela simples razão de que, apesar de tudo, ainda raciocino com valores burgueses e, queira ou não queira, sou um Cambará. Eduardo sabia — e isso o perturbava — que muitos de seus camaradas duvidavam ainda de sua sinceridade e firmeza por ser ele filho do dr. Rodrigo Terra Cambará, figurão do Estado Novo, comensal do Palácio Guanabara, senhor do Sobrado, do Angico, e sócio de várias empresas industriais.

O *Rosa-dos-Ventos* voava agora com o sueste pela cauda. Para Eduardo Cambará não havia no mundo muitos prazeres que se comparassem com o de pilotar um aeroplano. Não achava a menor graça em voar como passageiro dum avião comercial: ia fechado dentro daquele torpedo de alumínio, inerte, sem participar ativamente da aventura: não podia sentir na cara o vento das alturas, nem ver o céu sobre a cabeça: era o mesmo que estar num trem, e num trem parado! Mas pilotar um teco-teco era quase realizar o sonho infantil de alçar-se no espaço com um simples mover de braços. Eduardo tinha a impressão de que ele e o avião formavam um corpo, de que era sua própria força que impelia o aparelho, de que aquele pulsar rítmico e explosivo não vinha do motor, mas de seu próprio coração. Isso lhe dava um certo orgulho, aumentado pelo fato de se achar sozinho e em perigo, e pela esquisita sensação de estar desafiando a lei da gravidade, o vento, as nuvens, Deus... Gostava tanto de voar que era sempre com uma sensação de culpa que aterrava no campo do aeroclube, depois daqueles voos solitários que duravam no mínimo uma hora. Quando voava, esquecia uma série de probleminhas cotidianos que o aborreciam, fugia ao sistema terreno de coordenadas para entrar numa nova dimensão em que perdia a perspectiva do tempo, ignorava o passado, descuidava-se do futuro, começando a existir num prolongado e vertiginoso *agora* que o fazia sentir-se como um juvenil acrobata no seu trapézio volante, feliz por estar fazendo o que gostava e ao mesmo tempo cheio dum fero orgulho, pois o que fazia era arriscado e até certo ponto gratuito. Mas não! A gratuidade era um luxo de intelectual decadente. Voar sem objetivo útil, voar simplesmente por um prazer individualista que não trazia nenhum proveito à coletividade, era sem a menor dúvida um divertimento burguês. Consolava-o, então, mas vagamente, a ideia de que um dia, dum modo ou de outro, seu brevê de piloto pudesse ser de utilidade para a Causa.

Olhou para baixo. Estava de novo sobrevoando sua cidade natal. Como Santa Fé tinha crescido naqueles últimos anos! Lá estava ela esparramada sobre suas três colinas, com seu casario esbranquiçado, os telhados antigos e pardacentos a contrastar com o coral vivo das telhas francesas das construções mais novas; as faixas cinzentas das ruas calçadas de pedra-ferro a seguirem paralelamente ou a cortarem nítidas a sanguínea das ruas de terra batida; e, enchendo dum verde-escuro as casas daquele tabuleiro de xadrez, as maciças manchas do arvoredado de pomares e praças. Vista do alto, Santa Fé tinha um jeito miniaturol e morto de maqueta, dum brinquedo a que a luz do sol, ao bater nas superfícies de vidro,

água e metal, dava um certo lustro de verniz e coruscações de lantejoulas. A cidade estava cercada de coxilhas que fugiam na direção de todos os horizontes, cortadas pela fita de ocre avermelhado das estradas. Era uma verde e impetuosa amplidão onde se desenhavam chácaras e fazendolas com suas casas brancas, moinhos de vento, pomares, hortas, cercados, pastagens, açudes... Aqui e ali, como remendos de diferente tecido naquele tapete ondulado, recortavam-se os quadriláteros cor de ferrugem das roças de terra recém-virada ou os contornos simétricos dos bosques de eucaliptos. De vez em quando, interpondo-se entre o sol e a terra, nuvens lançavam suas sombras sobre a face dos campos e das águas. Olhando para o norte, Eduardo avistou Nova Pomerânia, com a esguia torre de sua igreja numa paródia gótica; voltando a cabeça para as bandas do poente, divisou os telhados de Garibaldina entre parreirais e ciprestes.

Voando agora contra o vento, o teco-teco corcoveava como um potro. Eduardo achava delicioso e tranquilizador ouvir, acima do uivo daquele sueste de primavera, o ronco do motor: era o sinal de que o coração do *Rosa-dos-Ventos* pulsava forte, a certeza de que o pequeno avião estava vivo e lutava. Sim, não havia nada mais estimulante do que a sensação de estar vivo e de lutar. Achava também esquisitamente agradável a impressão de se encontrar desligado da terra, pairando acima dos homens e daqueles urubus que voavam ao redor duma carniça lá embaixo. Era embriagador o másculo orgulho de estar só, longe, sem medo.

Como tudo na terra parecia limpo e simples! A própria carniça perdia sua sordidez, porque a distância a tornava invisível, sem cheiro e sem horror. Até o *Rosa-dos-Ventos* não chegava o perfume dos ricos que viviam nos melhores palacetes de Santa Fé, nem a fedentina dos miseráveis que vegetavam nas malocas do Barro Preto, do Purgatório e da Sibéria. Voar — concluiu Eduardo — é mau, porque nos dá uma perspectiva errada das pessoas e dos fatos sociais, levando-nos a considerar mais as coisas limpas dos céus do que as coisas podres da terra. Será por olhar o mundo dum ângulo tão remoto que o velho Deus perdeu por completo o senso de proporção e de justiça?

Eduardo tornou a pensar no avô. Criticando a aviação, o velho Babalo lhe dissera um dia que os Terras e os Quadros haviam sido sempre homens de terra firme, cujo meio de transporte preferido era invariavelmente o cavalo e os veículos de tração animal. Rodrigo Cambará fora o primeiro santa-fezense a adquirir um automóvel, por volta de 1912. Agora era ele, Eduardo, o primeiro da família a tirar um brevê de aviador. Se a coisa continuasse naquela progressão, que seria de seus filhos, de seus netos? Voariam em aviões supersônicos — respondeu Eduardo a si mesmo, sorrindo —, pilotariam torpedos aéreos em viagem de ida e volta à Lua, riscariam luminosamente os espaços dentro de incríveis engenhos voadores impulsionados pela energia atômica. E nessas prodigiosas máquinas passariam — os monstros humanos do futuro — sobre aqueles campos pelos quais o cap. Rodrigo burlequeara montado em seu pingo, sobre aquelas invernadas onde o velho Licurgo parara tantos rodeios, sobre aquelas serras, coxilhas e planuras que o velho Babalo cruzara tantas vezes com sua lerda carreta.

Eduardo fez o avião perder altura aos poucos, e, numa desobediência às leis que regiam o voo sobre centros populosos, deixou o *Rosa-dos-Ventos* descer tanto, que suas rodas quase tocaram as copas das árvores mais altas da praça Ipiranga. Um homem naquele momento atravessava a rua do Faxinal, e, ao ouvir o ronco medonho do aparelho, estacou, encolheu-se e levou as mãos à cabeça.

Era Cuca Lopes, oficial de justiça.

— Credo, que louco! — exclamou ele, erguendo os olhos para o céu.

Em seguida retomou a marcha e entrou na rua do Comércio, no seu passinho miúdo e rápido. Sua cabeça, demasiadamente grande para ombros tão estreitos, voltava-se dum lado para outro, em movimentos bruscos de passarinho. O vento fazia drapejar seu casaco de alpaca azul, que deixava à mostra os fundilhos reluzentes sobre o bandolim das nádegas postas em relevo pelas calças apertadas e um pouco curtas, que descobriam as meias de ordinário desbeijadas e caídas sobre os sapatos.

Cuca Lopes tinha a fama de ser o maior mexeriqueiro da cidade. Quando o viam, as pessoas logo iam perguntando: “Qual é a última, Cuca?”. Sabia de tudo, conhecia a vida de toda a gente, gostava de lançar olhares bisbilhoteiros para dentro das casas quando passava pela calçada e via alguma janela aberta; parava, indiscreto, para escutar as conversas a que não era chamado, e contava-se que mais de uma vez fora apanhado a espiar pelo buraco das fechaduras.

Aquela tarde, Cuca Lopes ia embriagado de primavera e mexericos. O cheiro de campo e flor que andava no ar, o vento desabrido, os sons do dobrado que agora jorravam dos alto-falantes, e a cujo ritmo ele procurava marchar em cadência militar bem como nos tempos de rapaz, quando seguia pelas ruas a banda de música do Regimento da Infantaria — tudo isso e mais as novidades que levava, deixavam-no tão excitado, que sentia necessidade de desabafar o quanto antes para não estourar. Que semana, aquela! — pensou, cheirando a ponta dos dedos. Fora ele um dos primeiros em Santa Fé a ouvir pelo rádio a notícia da deposição de Getúlio Vargas. Correria ao Clube Comercial, entrara inquieto como um esquilo na sala onde se jogavam pôquer e pife-pafe, passara aos bilhares e ao bolão. Depois embarafustara pelo Café Minuano e fora espalhando a notícia: “Sabem da última? Os generais acabam de derrubar o Getúlio. O Rio está em pé de guerra, tanques nas ruas, soldados com metralhadoras. A coisa está preta...”

Que semana! Cuca esfregava as mãos de puro contentamento, caminhando quase aos pulinhos, desatento agora ao ritmo da marcha.

O “prato” mais recente era a chegada intempestiva do dr. Rodrigo Cambará com toda a família. Não se falava noutra coisa em Santa Fé desde o dia anterior. Cuca estava aflito por passar adiante umas coisinhas que ficara sabendo através de gente muito chegada ao Sobrado...

Sorria, cheirava os dedos, olhava para a direita e para a esquerda à procura de conhecidos. Nunca andava em linha reta e marcha regular. Seus passos geralmente seguiam uma linha mista. Fazia paradas repentinas, olhava para os lados